

# Brasil: estranha maneira de fazer negócios.

Uma visão de Peter T. Kilborn, do *N.Y. Times*, sobre o Brasil.

Exatamente como qualquer outro país, o Brasil possui suas próprias maneiras de realizar negócios. Quando compromissos são acertados, ambos os lados esperam que o outro lado chegue com meia hora de atraso. Os recados telefônicos freqüentemente não são respondidos. "Eles servem simplesmente como um lembrete de que você telefonou antes de telefonar outra vez", explicou uma secretária no Rio.

A confiança, nos negócios brasileiros, é uma palavra por escrito. "Vale o que está escrito" — é uma regra básica do mundo dos negócios.

"Você pode manter uma longa conversa com o seu chefe e falar com ele durante muito tempo e ter a impressão de que ele irá cuidar do seu problema", disse o gerente de uma subsidiária brasileira de uma empresa norte-americana instalada em Cruzeiro, uma cidade do Sudeste do País.

"No entanto, a única coisa que importa é o que ele colocar no papel", continuou ele. "Estas são as coisas importantes; não o que foi falado, mas o que foi escrito".

A "security" mais popular do governo brasileiro é uma ORTN de cinco anos (ORTN — Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional). Como acontece com quase todas as outras "securities" e com muitas outras coisas na economia brasileira, a ORTN é indexada à

inflação. Ela paga uma taxa conhecida como correção monetária — 146% até outubro deste ano — além de mais oito % de juros.

Mas esta "security" também oferece um retorno alternativo baseado no declínio do valor do cruzeiro em relação ao dólar. Até outubro, o cruzeiro caiu 280%, de maneira que os compradores estão conseguindo isto, e mais os oito%, ao invés do retorno menor segundo a correção monetária.

"Trata-se da melhor forma possível de contornar a inflação e é uma 'security' que não deveria ser emitida", disse Olavo Setúbal, presidente do Banco Itaú, em São Paulo, o segundo maior banco privado do Brasil.

José Mindlin é o presidente de uma das empresas mais bem sucedidas do Brasil, a Metal Leve, que fabrica pistões para automóveis e para motores de aviões. A empresa prospera, disse ele, porque, ao contrário do governo, ela nunca toma empréstimos. Mas suas ações estão enfrentando uma forte concorrência por parte das "equities" brasileiras; isto chegou a tal ponto que a Metal Leve está encontrando dificuldades em vender suas ações.

"Elas oferecem segurança, rentabilidade e liquidez", disse ele. "Normalmente, se você quer duas destas três características, você precisa se satisfa-

zer com uma dose menor da terceira. Os 'bonds' do governo oferecem as três características. É impossível concorrer contra isto."

*Beon-Brasil*

22 NOV 1983 \*\*

Ivana tem 27 anos de idade e veio de Salvador, uma cidade no litoral do Atlântico, situada ao norte do Rio de Janeiro. Ela tem um filho de três anos de idade. Todos os meses durante uma semana, ela costuma deixar a criança com seus pais e vem para o Rio na companhia de sua irmã.

Elas se hospedam num hotel barato e passam a tarde na praia. À noite, elas vão a alguma boate de Copacabana, uma espécie de clube noturno, e uma das muitas que oscilam desde os locais mais elegantes com móveis estofados e uma banda tocando jazz americano a outros estabelecimentos mal-iluminados que fedem a cerveja. Quase todos os freqüentadores dessas boates são do sexo feminino.

Ivana diz que sua "vida honesta" é em Salvador, e que sua outra vida, de prostituição, é no Rio de Janeiro. Ela disse que está no processo de se divorciar de um homem que fugiu do Brasil, e que, antigamente trabalhava como datilógrafa, mas, com a recessão que assola o País, foi incapaz de encontrar trabalho. E por isso, para poder criar seu filho, ela vem para o Rio de Janeiro. "Todas as mulheres que estão aqui

também são mães", disse ela referindo-se às demais mulheres presentes na boate.

**JORNAL DA TARDE**

O Brasil ainda não dispõe dos recursos necessários para construir uma rede de segurança para os que saem perdendo na economia do País. Aqui não existem benefícios para os desempregados. Funcionários com empregos regulares e seus empregadores, no entanto, contribuem mensalmente para um fundo de segurança que o funcionário pode receber em dinheiro quando deixa o emprego.

De várias formas diferentes, o governo tenta ajudar a parte mais empobrecedora da população, os mais de vinte milhões de pessoas que vivem na região Nordeste do País, assolada pela seca.

"Atualmente, nós temos dois a três médicos nas pequenas cidades da região", disse Clovis Cavalcanti, um economista social da Fundação Joaquim Nabuco em Recife, a capital de Pernambuco, um Estado do Nordeste brasileiro.

"Mas eles somente são capazes de lidar com os casos mais simples — pernas quebradas, doenças tratáveis. Existem poucos equipamentos, de maneira que eles acabam realizando a maior parte dos seus exames com um instrumento que eles mesmos chamam de 'olhômetro'."